

BIBLIOGRAFIA

JUAN COMAS: *Introducción a la Prehistoria General*. Publicaciones del Instituto de Historia, 1a. serie, n.º 74, 249 págs., 60 figs. e 8 quadros. Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1962.

Apresenta-se êste volume com muita modéstia. Quer fornecer ao estudante "uma base inicial" que o habilite a colher depois em obras de maior fôlego conhecimentos mais completos sôbre os diferentes problemas da pré-história. E não se diga que é pouco, pois trata-se de ciência complexa, que exige desde logo do estudioso um conjunto de noções precisas e seguras, inclusive de várias disciplinas afins. A arte de uma "introdução" consiste em selecionar com muito cuidado êses elementos e resumir os principais resultados positivos e as hipóteses em discussão, de modo a proporcionar ao principiante um primeiro quadro de referências. E' êsse o roteiro seguido pelo autor. Define a pré-história, o seu âmbito e os seus métodos de investigação, situa os problemas em face da realidade geológica e biológica, estabelece a tipologia dos achados segundo o material e a técnica dos artefatos, situando-os no tempo e no espaço. Limita-se ao indispensável para dar uma idéia sumária de como se entende hoje a evolução somática e o desenvolvimento cultural da humanidade pré-histórica. Numa ciência cheia de pontos controversos quanto à formulação dos problemas e indecisa em muitos de seus resultados, é particularmente difícil a exposição didática, da qual se espera antes de mais nada um esquema de orientação. Dai o perigo de se cair em afirmações peremptórias tendentes a darem por definitivamente resolvido o que na realidade continua problemático. Comas soube evitar os escolhos, colocando-se acima das disputas e mostrando, pelo confronto dos argumentos, o estado atual dos problemas. Não é que se abstenha sempre de revelar o seu próprio ponto de vista em questões sujeitas a discussão, mas fá-lo sem silenciar as razões em que se apóiam os que dêle divergem. Ninguém deixará de reconhecer o valor educativo de tal proceder, ainda mais num campo em que tantos amadores sem o necessário domínio da matéria se arvoram em especialistas.

O capítulo final traz uma sinopse da pré-história do Nôvo Mundo, com destaque das hipóteses sôbre a origem das populações indígenas. Depois de arrolar os principais achados arqueológicos e de fósseis humanos da América, Comas passa em revista, demonstrando notável espírito de objetividade, as tentativas mais importantes de explicar a procedência das populações pré-colombianas. A concepção extrema de A. Hrdlichka, segundo a qual os ameríndios descenderiam todos de mongolóides vindos pelo Estreito de Bering, não lhe parece aceitável diante da grande variedade somática dos primitivos habitantes do continente. Quanto à tese contrária de P. Rivet, que afirma ter havido migrações de elementos mongolóides e esquimós pelo Estreito de Bering, mas também de australóides e melanesóides (ou malaio-polinésicos) através do Pacífico, o autor assinala a dificuldade de se admitir para os australóides a rota transpacífica, uma vez que êstes não possuem senão rudimentos da arte de navegar. Daí a atenção dada à hipótese suplementar de A. Mendes Correa, aliás aceita por Rivet, de que o contingente australo-tasmanóide poderia ter seguido a via antártica. Segundo pesquisas recentes, o atual casquete glacial da Antártida se teria formado uns 6000 anos a. C., argumento a favor de Rivet, para quem a imigração pela via antártica dataria de há uns 8000 anos. Comas não se refere às objeções que se têm levantado contra a teoria de Rivet. Expõe, a seguir, a concepção de G. Montandon, segundo a qual elementos australóides teriam chegado à Ilha da Páscoa e talvez ao litoral americano trazidos como escravos de navegantes malaio-polinésicos. Resume a teoria de Cotteville-Girodet, que julgava ter sido o nordeste

norte-americano ocupado por uma população européia de tipo Cromagnon; a de J. Imbelloni, que acredita razoável admitir-se a imigração de sete diferentes grupos raciais, dos quais proviriam onze tipos de ameríndios; a de M. T. Newman, que, acentuando por sua vez a heterogeneidade racial do homem americano, prefere explicá-la como adaptação a fatores ambientes; e, por fim, a de J. B. Birdsell, que sustenta remontarem os índios a duas correntes asiáticas, uma de mongolóides e "amurianos", (caucasóides arcaicos da Ásia), outra de "murrayanos" (descendentes de "amurianos"). Apesar de tôdas essas hipóteses, afirma o autor com razão, "não é possível chegar a conclusões decisivas enquanto não se contar com mais abundante material informativo".

Egon Schaden

*

CÂNDIDO PROCÓPIO FERREIRA DE CAMARGO: *Kardecismo e Umbanda*. 176 págs. Livraria Pioneira Editôra. São Paulo, 1961.

824.553 espíritas é a expressão estatística (I.B.G.E., 1950) que revela, embora de modo inadequado (devido às declarações incorretas e à duplicidade de religião), crescente ímpeto de formas religiosas que se organizam em "terreiros", "tendas" e sessões espíritas, configurando na realidade sócio-cultural brasileira fenômenos novos a pedirem explicações. Em "Kardecismo e Umbanda", Cândido Procópio Ferreira de Camargo ensaia explicação sociológica para o problema, após "pesquisar os principais fatores dêsse desenvolvimento", a fim de "compreender o papel e as funções que desempenha (o movimento) na vida do país". Para empreender a análise, o Autor montou cuidadoso e inteligente esquema teórico, com visíveis inspirações maxweberianas, de onde sobressai, pelo seu alto teor explicativo e operante, o conceito de "continuum mediúnico", que nada mais é do que um "continuum" de expressões religiosas, que procura abarcar "desde formas mais africanistas da Umbanda até o Kardecismo mais ortodoxo". Entre estas duas categorias bipolares distribui-se grande número de modalidades de sincretismo religioso, ora se aproximando de um polo, ora de outro, tôdas porém guardando entre si, pontos de afinidade.

Partindo do pressuposto teórico, depois empiricamente comprovado pela pesquisa, de que efetivamente há um desenvolvimento qualitativo e quantitativo das religiões mediúnicas no Brasil, especialmente em São Paulo, restou ao Autor a caracterização dos fatores responsáveis, no Estado, pelo processo. E esta caracterização, êle a buscou de uma perspectiva funcionalista: o "continuum" desempenha duas funções principais e complementares, uma integrativa e outra terapêutica. A primeira encarrega-se de ajustar personalidades a novos estilos de vida; a segunda, de ajustar o indivíduo a si mesmo. A complementaridade das funções explicita-se através do resultado final do processo, o de estruturar uma nova concepção do mundo, dentro da qual o indivíduo possa perceber as balizas orientadoras de sua vida.

E por que esta necessidade de reintegração das personalidades no mundo exterior e em si mesmas? Porque a realidade brasileira vem-se caracterizando, a partir de 1930, por rápidas e profundas mudanças: tende do rural para o urbano, do agrícola para o industrial, do sagrado para o profano. Esta transição atomizou o universo de participação do homem, sem que as agências tradicionais, das diferentes esferas, pudessem reorganizar-se para continuarem em suas funções integrativas.